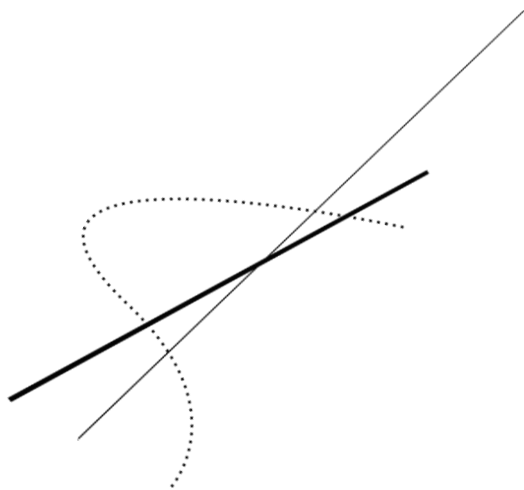




O LUGAR DO SOM: A NOÇÃO DE APEGO AO LUGAR COMPREENDIDA A PARTIR DA ECOLOGIA SONORA E OS SEUS DESDOBRAMENTOS PARA A EDUCAÇÃO SONORA E A CRIAÇÃO MUSICAL

Sergio Leal¹

Resumo: O apego ao lugar é um conceito discutido na Geografia Humanista e na Psicologia Ambiental a partir do qual se compreende que as pessoas criam vínculos com os locais que fazem parte de suas vidas. No entanto, em grande parte da literatura, a abordagem e as discussões têm privilegiado os aspectos visuais das paisagens. Por isso, considerando-se que toda paisagem visual é indissociável de uma paisagem sonora, neste texto discutem-se os componentes sonoros que perpassam esse vínculo, tomando-se como ponto de partida o campo da Ecologia Sonora. A discussão é ampliada para se compreender o papel que a noção de apego ao lugar desempenha ou pode vir a exercer na Educação Sonora e na composição musical. A conclusão a que se chega é que os aspectos de sentido e significado que envolvem a noção de apego contribuem para o trabalho do educador e para que o compositor produza obras com maior aderência ao público.

Palavras-chave: Apego ao lugar; Relação pessoa-ambiente; Ecologia Sonora; Educação Sonora; Música sintrópica.

THE PLACE OF SOUND: THE NOTION OF PLACE ATTACHMENT UNDERSTOOD FROM THE PERSPECTIVES OF SOUND ECOLOGY AND ITS IMPLICATIONS FOR SOUND EDUCATION AND MUSICAL CREATION

¹ O autor possui bacharelado em Composição e Regência (UNESP), bacharelado em Saúde Pública (USP), especialização em Ciências Sociais (FESPSP) e doutorado em Educação Musical (UNESP). Suas pesquisas são voltadas para a Ecologia Sonora e a interdisciplinaridade da Música com outras áreas do saber. É compositor de repertório erudito com obras estreadas no Brasil, na Europa e nos EUA. Atua como docente substituto na UFMA, no campus São Bernardo. E-mail: serleal2017@gmail.com.

Abstract: *Place attachment is a concept from Humanist Geography and Environmental Psychology based in the comprehension that people create bonds with the places that they live. However, in much of the literature, the approach and discussions have privileged the visual aspects of landscapes. Therefore, considering that every visual landscape is inseparable from a soundscape, this text discusses the sonic components that permeate this bond, taking Sound Ecology as a starting point. The discussion is broadened to understand the role that the notion of place attachment plays or may come to play in Sound Education and musical composition. The conclusion reached is that the aspects of meaning and significance involved in the notion of place attachment contribute to the work of the educator and to composer to produce his pieces with greater audience appeal.*

Keywords: *Place attachment; Person-environment relationship; Sound Ecology; Sound Education; Syntropic music.*

EL LUGAR DEL SONIDO: LA NOCIÓN DE APEGO AL LUGAR ENTENDIDA DESDE LAS PERSPECTIVAS DE LA ECOLOGÍA SONORA Y SUS IMPLICACIONES PARA LA EDUCACIÓN SONORA Y LA CREACIÓN MUSICAL

Resumen: *El apego al lugar es un concepto discutido en la Geografía Humanística y la Psicología Ambiental, que explica como las personas forman vínculos con los lugares que forman parte de sus vidas. Sin embargo, en gran parte de la literatura, el enfoque y las discusiones han privilegiado los aspectos visuales de los paisajes. Por ello, considerando que todo paisaje visual es inseparable de un paisaje sonoro, este texto aborda los componentes sonoros que permean este vínculo, tomando como punto de partida el campo de la Ecología Sonora. Se amplía la discusión para comprender el papel que la noción de apego al lugar juega, o puede llegar a jugar, en la Educación Sonora y la composición musical. La conclusión a la que se llega es que los aspectos de significado y significación involucrados en la noción de apego contribuyen al trabajo del educador y ayudan al compositor a producir obras con mayor atractivo para el público.*

Palabras clave: *Apego al lugar; Relación persona-entorno; Ecología Sonora; Educación Sonora; Música sintropica.*

1. Introdução

A noção de apego ao lugar desempenha um importante papel no campo da Psicologia Ambiental e na Geografia Humanista e se refere aos vínculos que as pessoas estabelecem em relação aos locais significativos em que suas vidas transcorrem.

Contudo, embora os aspectos sonoros façam parte de qualquer paisagem, poucas vezes recebem a devida atenção nos estudos relacionados ao lugar. No campo da Ecologia Sonora, voltado para a compreensão das paisagens sonoras e as relações que os seres humanos estabelecem com os sons que os envolvem, ocorre um problema semelhante, pois, na maior parte das vezes, o foco dos

estudos recai quase que exclusivamente nos sons, sem que se busque compreender sua conexão em relação ao lugar.

Este artigo é um esforço de construção de uma ponte entre a Ecologia Sonora e a Psicologia Ambiental, que toma como ponto de conexão a noção de apego ao lugar. A discussão, no entanto, vai além e espraia-se para os campos da Educação Sonora e da composição musical, intimamente ligados à Ecologia Sonora.

O texto é iniciado com uma introdução à relação pessoa-ambiente e em seguida aborda uma breve definição do conceito de lugar e as discrepâncias que distintos autores lhe atribuem. Após essa abertura de horizontes em relação ao campo e ao tema, o caminho está pronto para a discussão a respeito do conceito central, do apego ao lugar. O conceito é, então, apresentado por diversas e, mesmo, destoantes concepções e é aprofundado a partir da compreensão das noções de identidade, sentido e significado do lugar, bem como da verificação de sua atualidade. Daí em diante é possível seguir para a discussão principal a respeito da conexão desse conceito com a Ecologia Sonora, com a Educação Sonora e com a composição musical, nas últimas seções do artigo, de forma a justificar o título: “o lugar do som”.

2. A relação pessoa-ambiente e a percepção ambiental

A Psicologia Ambiental tem como uma de suas proposições mais importantes o conceito de pessoa-ambiente, a partir do qual se estudam as relações que os seres humanos estabelecem com o meio em que vivem. Nesse campo, compreende-se que tanto o ser humano influencia – profundamente – o meio a partir de seus valores e atitudes, perpassados pelos processos socioculturais da sociedade local (Zacarias e Higuchi, 2017, p. 124), quanto é influenciado pelo meio em que habita, para além dos determinantes exclusivamente sociais.

Dentro dessa perspectiva, Gabriel Moser salienta que o ambiente físico não é neutro, pois é perpassado pela ação humana e, desta forma, também por sua cultura: “o ambiente incorpora os valores sociais e culturais daqueles que vivem nele” (Moser, 2003, p. 332).

Com o foco na relação pessoa-ambiente, a Psicologia Ambiental, de acordo com Bettieli Barboza da Silveira, trata “[...] dos efeitos dos ambientes sobre os comportamentos, percepções e/ou afetos das pessoas, além de investigar como os indivíduos atuam, modificam e constroem seu entorno” (Silveira, 2021, p. 23).

Elisa Ferrari Justulin Zacarias e Maria Inês Gasparetto Higuchi salientam a importância da compreensão do papel da percepção ambiental na relação pessoa-ambiente:

Devido à sua função de interpretação e construção de significados, a percepção ambiental exerce papel relevante nos processos de apropriação e uso social dos espaços. As dimensões psicossociais presentes no conceito de percepção ambiental envolvem a cognição – processo pelo qual as pessoas criam imagens mentais; afeto em relação ao ambiente, o que conduz ao apego; e, por fim, as preferências

relacionadas ao ambiente, que possibilitam identificar o nível de atratividade de seus elementos constituintes para as pessoas (Zacarias e Higuchi, 2017, p. 125).

A percepção ambiental revela aspectos importantes da maneira pela qual os seres humanos ocupam os espaços.

[...] as percepções ou interpretações/significados atribuídos pelas pessoas ao seu ambiente nos permitem compreender seus comportamentos em relação ao entorno em que vivem. Os processos mentais relativos à percepção ambiental compreendem as expectativas, julgamentos e condutas humanas, assim como o mundo físico. Os aspectos físicos fazem parte de um espaço social que de alguma forma retrata os aspectos socioculturais próprios das pessoas nele inseridas. Esses elementos físicos são, em última instância, produtos sociais que, junto com suas propriedades materiais, produzem comportamentos específicos. Assim, a maneira de ocupar um espaço e transformar sua materialidade está ligada à natureza social dos comportamentos associados àqueles objetos ou contexto físico (Kuhnen e Higuchi, 2011, n.p.).

De acordo com Kuhnen e Higuchi, o ambiente é percebido por meio da interação do ser humano com o mundo e a percepção ambiental. Em linhas gerais, pode ser dividida em dois aspectos: objetivo e subjetivo.

O aspecto objetivo deriva da própria característica física do ambiente, a partir de um sistema de medidas objetivas, como por exemplo, número de edifícios, formas arquitetônicas, temperatura, intensidade de ruídos, densidade populacional etc. O aspecto subjetivo é o que deriva das experiências vividas e se processa a partir das informações objetivas, que são posteriormente representadas internamente, incorporadas a significados e projetadas em comportamentos (Kuhnen e Higuchi, 2011, n.p.).

A percepção é constituída, portanto, tanto pelo aspecto físico, relativamente duradouro e relativamente percebido, em aspectos gerais, da mesma maneira por todos (o mundo é um só!), quanto pelo modo individual que cada um interpreta e representa os sinais recebidos do mundo. Nessa perspectiva, a representação assume, também, um papel de relevância, pois, como ressaltam Kuhnen e Higuchi (2011, n.p.), “se a percepção (o percebido) não tem significado (construção social) a priori, a produção de significado se dá pela representação”.

Constata-se, assim, que a partir do impacto emocional que o espaço físico lhes proporciona, as pessoas desenvolvem sentidos e significados em relação aos locais em que suas vidas acontecem. Aqui surge a noção de apego ao lugar, que será tratada com atenção central neste texto. Não obstante, antes de adentrar à discussão de suas diferentes concepções, faz-se necessário uma breve definição do conceito de lugar.

3. Definição de lugar

A noção de lugar assume significativa importância para áreas como a Geografia e a Psicologia Ambiental. David Uzzell, Enric Pol e David Badenas (2002, p. 28) salientam que sua formulação tem sido multifacetada e, mesmo,

conflitante. Entre as teorias relacionadas com o lugar, esses autores ressaltam o trabalho de Canter, para quem lugar era definido como “uma unidade de experiência ambiental e o resultado do relacionamento entre ações, concepções e atributos físicos”, e a proposição de Stokols e Shumaker, na qual lugar era definido como “a entidade entre aspectos de significado, propriedades físicas e atividade relativa” (Uzzell, Pol e Badenas, 2002, p. 28). Os autores enfatizam que nesta última proposição há um destaque para os significados sociais percebidos coletivamente pelos habitantes de um local (Uzzell, Pol e Badenas, 2002, p. 28).

Essa diversidade de definições do conceito de lugar é corroborada no trabalho de Andrea Brandenburg e Matthew Carroll, autores que, se por um lado lembram que “[...] os teóricos clássicos afirmam que é o lugar que cria a humanidade”² (Brandenburg e Carroll, 1995, p. 385, tradução própria), por outro assinalam que a maioria das teorias atuais define lugar como uma localização física composta por um cenário físico, pelas atividades humanas e pelos processos psicológicos humanos relacionados com esse local (Brandenburg e Carroll, 1995, p. 384). Um desses exemplos pode ser encontrado no trabalho de Relph, que “[...] define lugar como ‘construído em nossas memórias e afetos através de encontros repetidos e associações complexas’”³ (Brandenburg e Carroll, 1995, p. 384-385, tradução própria). Outro caso relevante é o de Hashisaki, para quem lugar é um ambiente físico investido de significados (Brandenburg e Carroll, 1995, p. 385). Ainda na mesma perspectiva, Irish define lugar como uma parte do ambiente perpassada pelos sentimentos de seus habitantes (Brandenburg e Carroll, 1995, p. 385).

Brandenburg e Carroll discutem a noção de lugar a partir de uma perspectiva sistêmica, com base em autores como Williams et al, que enfatizam a percepção de que, mais do que recursos, os lugares possuem histórias e fazem parte das vidas das pessoas, de tal forma que elas se importam com eles e criam, a partir deles, sentidos de pertencimento e propósito que participam no direcionamento de suas vidas (Brandenburg e Carroll, 1995, p. 382). Essa abordagem fica evidente na qualificação que esses dois autores propõem para o termo lugar:

Lugares são compostos de ambientes ou cenários físicos reais e tudo o que ocorre naquele cenário. Isso pode incluir uma variedade de elementos, tal como objetos físicos naturais e feitos pelo homem, a organização espacial dos objetos e suas características, pessoas, animais, plantas e as atividades das pessoas e outros organismos⁴ (Brandenburg e Carroll, 1995, p. 384, tradução própria).

Outra pesquisadora que se aproxima dessa abordagem é Maria Lewicka, que indica, como uma definição possível para o conceito de lugar, a noção de “localização significativa” e considera que o lugar é “[...] uma entidade que tem

² No original: [...] classical theorists contend that it is place that creates humanity.

³ No original: [...] defines place as “constructed in our memories and affections through repeated encounters and complex associations”.

⁴ No original: Places are composed of actual physical environments or settings and all that occurs in that setting. This may include a variety of elements, such as natural and manmade physical objects, the spatial organization of the objects and their characteristics, people, animals, plants, and the activities of the people and other organisms.

uma dimensão social, mas também uma base física palpável e bastante real”⁵ (Lewicka, 2011, p. 213, tradução própria).

Estas, enfim, são apenas algumas das possíveis abordagens para esse conceito. Todavia, para a finalidade deste texto, o que foi acima apresentado é suficiente para introduzir o leitor à discussão a respeito do apego ao lugar, que assumirá o foco na seção seguinte.

4. O apego ao lugar

A noção de apego ao lugar também não recebe uma definição única, tal qual o conceito de lugar. Leila Scannell e Robert Gifford advertem que, ainda que o conceito venha sendo aplicado, de maneira mais geral, como uma proposição multifacetada que enfoca o elo entre os indivíduos e os locais que exercem importância em suas vidas, por outro lado, ao ser empregado para múltiplas perspectivas, essa noção acumulou um grande leque de definições com significativas variações entre si (Scannell e Gifford, 2010, p. 1). Para ilustrar essa diversidade de variações, os pesquisadores citam o exemplo de geógrafos humanistas, tal como Yi-Fu Tuan e Edward Relph, para quem o sentido do lugar – ou seja, um elo com um espaço significativo – se constitui em um vínculo afetivo que se coloca na base de necessidades humanas fundamentais. Evocam, também, o exemplo de autores de outros campos que, de maneira ligeiramente diferente, compreendem que o apego ao lugar é um subconceito, junto com o de identidade do lugar e de dependência do lugar, que, combinados, perfazem a noção de sentido de lugar. Outros autores, por sua vez, enfocam esse conceito a partir de preocupações relacionadas com a formação de elos ancestrais, de maneira a explicar os sentimentos de pertença (discriminação de quem é de dentro e quem é forasteiro) e o desejo de permanência em um determinado local por parte de determinados indivíduos (Scannell e Gifford, 2010, p. 1). Não obstante, Scannell e Gifford observam essa diversidade com bons olhos e a compreendem como um sinal de amadurecimento no desenvolvimento teórico do conceito (Scannell e Gifford, 2010, p. 2).

Segundo Zacarias e Higuchi (2017, p. 125), a noção de apego ao lugar é caracterizada pela ligação que um indivíduo estabelece com um ambiente físico, perpassada por elementos emocionais de origem afetiva ou cultural. As autoras apontam, ainda, que esse assunto tem sido tratado a partir de aspectos funcionais, simbólicos e relacionais. Em termos funcionais, o espaço desperta emoções diversas no indivíduo, que as associa a esse local. Por outro lado, cada indivíduo traz uma configuração de elementos simbólicos que acabam por estruturar a sua relação com o meio. Mas, é importante reforçar, as relações sociais do meio em que o indivíduo vive também exercem influência no elo que ele estabelece com o meio físico (Zacarias e Higuchi, 2017, p. 125).

Para Bettieli Barboza da Silveira e Daniela Ribeiro Schneider o apego ao lugar se manifesta como uma ligação permeada por conteúdos simbólicos que faz com que cada indivíduo desenvolva suas atividades, propriedades, práticas e

⁵ No original: [...] is an entity that has a social dimension, but also a palpable and very real physical basis.

rotinas em relação a um espaço de maneira particularizada (Barboza e Schneider, 2024, p. 99). A sensação de pertencimento e de identificação com um lugar toma parte em uma significativa fração da identidade social do indivíduo e, ainda que o afeto seja um importante fator para a criação e solidificação desse vínculo, há, também, outros elementos que podem participar desse processo, como questões morais, valores, emoções, propósitos de vida e relacionamentos (Silveira e Schneider, 2024, p. 99).

Os pesquisadores Joan Brehm, Brian Eisenhauer e Richard Stedman (2012, n.p.) identificam diferenças existentes entre o apego ao lugar e o significado atribuído ao lugar e apontam que, enquanto o apego se refere ao elo emocional positivo que uma pessoa estabelece com um cenário, os significados do lugar são tratados como algo distinto das emoções. Para eles, os sentimentos positivos relacionados com um local específico possibilitam que as pessoas desenvolvam um pertencimento em relação a ele e estimulam comportamentos favoráveis ao ambiente (Brehm, Eisenhauer e Stedman, 2012, n.p.). Esses autores também afirmam que os significados simbólicos que as pessoas atribuem aos lugares são múltiplos e, mesmo quando dois ou mais indivíduos empregam termos parecidos para tentar expressar suas concepções, ainda assim podem estar se referindo a significados muito diferentes uns dos outros (Brehm, Eisenhauer e Stedman, 2012, n.p.).

Para Scannell e Gifford, o conceito de apego ao lugar envolve três dimensões: a pessoa, o processo psicológico e as dimensões do local.

A primeira dimensão é o ator: quem é apegado? Até que ponto o apego é baseado em significados sustentados individual e coletivamente? A segunda dimensão é o processo psicológico: como o afeto, a cognição e o comportamento se manifestam no apego? A terceira dimensão é o objeto do apego, inclusive as características do lugar: qual é o apego e qual é a natureza desse lugar? Essa estrutura tridimensional do apego ao lugar organiza as principais definições na literatura⁶ (Scannell e Gifford, 2010, p. 2, tradução própria).

Em relação à segunda dimensão, os autores enfatizam a importância do papel das emoções e dos afetos no elo pessoa-lugar e lembram que o geógrafo naturalista Yi-Fu Tuan usava o termo topofilia ou amor ao lugar para caracterizar esse conceito (Scannell e Gifford, 2010, p. 3). As emoções e os afetos, na relação que se estabelece entre um indivíduo e um lugar, são responsáveis pelo sentido de pertencimento – comumente manifesto em uma vizinhança –, a familiaridade e, também, por um possível sentido de auto-representação que gere uma identificação com o lugar, ou seja, a possibilidade de o lugar representar, para o indivíduo, quem ele é, seus valores (Scannell e Gifford, 2010, p. 3).

No âmbito da terceira dimensão – o local –, Scannell e Gifford (2010, p. 4) ressaltam que, entre outros aspectos, as pessoas se apegam a lugares que

⁶ No original: *The first dimension is the actor: who is attached? To what extent is the attachment based on individually and collectively held meanings? The second dimension is the psychological process: how are affect, cognition, and behavior manifested in the attachment? The third dimension is the object of the attachment, including place characteristics: what is the attachment to, and what is the nature of, this place? This three-dimensional framework of place attachment organizes the main definitions in the literature.*

viabilizam as relações sociais e favorecem a identidade de grupo. No entanto, estabelecem uma distinção entre o apego ao lugar e a noção de territorialidade, pois, segundo eles, esta é fundamentada na posse, no controle do espaço e na regulação do acesso, ao passo que o apego ao lugar “[...] é um elo afetivo, baseado na manutenção da proximidade, que pode ser expresso sem um propósito de controle subjacente, especialmente para espaços públicos como parques, cafés ou locais sagrados”⁷ (Scannell e Gifford, 2010, p. 4, tradução própria).

Scannell e Gifford também ressaltam outros aspectos do espaço físico com potencial para influenciar no estabelecimento do apego ao lugar, em especial o clima, que pode estar associado às memórias do indivíduo (Scannell e Gifford, 2010, p. 5).

Baseada nessa divisão tripartite de Scannell e Gifford, Lewicka chama a atenção para o fato de que, nos estudos relacionados ao apego ao lugar, há uma lacuna significativa de foco em relação aos processos e ao local, ao passo que há muitos estudos que enfatizam a pessoa (Lewicka, 2011, p. 222). Nessa perspectiva, a autora contesta a crença de que o apego ou sentido do lugar seja exclusivamente uma construção social com base em processos culturais e comportamentais e resalta a importância dos processos cognitivos e perceptuais suscitados pelas características físicas dos cenários (Lewicka, 2011, p. 214). As duas dimensões – social e física – desempenham papéis diferenciados e de relevância nos processos de apego (Lewicka, 2011, p. 213).

Dessa maneira, a autora destaca a importância da relação entre o tempo que uma pessoa vive em uma localidade e o apego que ela desenvolve pelo lugar (Lewicka, 2011, p. 216; 224) e chama a atenção para a força que o apego a um lugar específico assume nas vidas das pessoas, de tal forma que ele persiste mesmo em situação de áreas de alto risco ou para pessoas cujas experiências de vida passam por situações de acentuada mobilidade, mudanças de cidade ou país ou, ainda, para aquelas que têm mais de um local de residência. O apego também se manifesta em pessoas submetidas a realocações forçadas e reassentamentos (Lewicka, 2011, p. 208; 226).

Lewicka identifica, inclusive, que pessoas apegadas a um lugar apresentam comportamentos diferenciados em comparação a pessoas não apegadas, tal como uma maior coerência, maior satisfação com a vida, laços de vizinhança e capital social mais sólidos, maior interesse nas raízes familiares, maior confiança interpessoal e menor egocentrismo (Lewicka, 2010, p. 218). Tais achados são corroborados por Scannell e Gifford, que, em seu levantamento de pesquisas na área, identificaram que o apego gera sensação de segurança mesmo entre pessoas que vivem em locais inseguros e que o apego à vizinhança é responsável por uma diminuição na percepção das incivilidades e do medo da criminalidade (Scannell e Gifford, 2010, p. 1).

A vizinhança e os elos comunitários também figuram entre os temas mais estudados nas áreas da Psicologia Ambiental e da Geografia Humanista, devido ao

⁷ No original: *[...] is an affective, proximity-maintaining bond that can be expressed without an underlying purpose of control, especially for public spaces such as parks or cafe's, or sacred spaces.*

seu papel na constituição do apego ao lugar (Lewicka, 2011, p. 207-208, 217). Cenários como parques, praias e florestas, quando localizados na vizinhança, costumam receber maior preferência dos moradores (Lewicka, 2011, p. 214). Contudo, o tempo de residência também deve ser tomado como fator de predição do apego ao lugar, pois há uma tendência de que, quanto mais tempo uma pessoa habita um lugar, maior vínculo ela estabelece com ele e isso é ainda mais válido se seus familiares vivem no lugar por várias gerações (Lewicka, 2011, p. 215).

Lewicka ainda enfatiza que, além dos elos comunitários, o sentimento de segurança relacionado a um local específico também tem sido estudado como preditor do apego ao lugar por alguns autores (Lewicka, 2011, p. 217). A autora também ressalta o papel que as características físicas exercem na formação do apego, de forma que é possível que ele se desenvolva mais rapidamente a partir do aspecto físico do local do que por sua dimensão social (Lewicka, 2011, p. 215; 218).

5. Identidade, sentido e significado do lugar

Dentro dos estudos relacionados com o lugar há, ainda, outros conceitos importantes, limítrofes ao de apego ao lugar, que merecem ser citados: a identidade do lugar, o sentido do lugar e o significado do lugar.

Segundo Scannell e Gifford (2010, p. 3), o termo identidade do lugar foi concebido por Proshansky e colegas para expressar a “socialização do eu no mundo físico” ou as autodefinições que são derivadas dos lugares. Em outras palavras, conforme os autores explicam:

Isso ocorre quando os indivíduos estabelecem similaridades entre si e o lugar e incorporam cognições a respeito do ambiente físico (memórias, pensamentos, valores, preferências, categorizações) em suas autodefinições. Características marcantes de um lugar que o tornam único (por exemplo, a arquitetura, monumentos históricos, uma comunidade cultural) podem ser associadas à autoconcepção de alguém (Scannell e Gifford, 2010, p. 3).

Mesmo que não seja um conceito tão importante quanto o de apego ao lugar, também ocorre de o termo identidade de lugar assumir diferentes conotações entre diferentes autores e, ainda que a noção de apego ao lugar tenha se desenvolvido anteriormente ao de identidade de lugar (Lewicka, 2011, p. 216), há divergências, entre os estudiosos do assunto, se o apego ao lugar precede a identidade do lugar, se os dois conceitos são sinônimos, se são dependentes de um conceito mais geral, como o de sentido de lugar ou, ainda, se se relacionam de alguma outra maneira (Lewicka, 2011, p. 220).

Para Zhijun Pei, por exemplo, a identidade do local se enquadra como identidade social ao nível local (Pei, 2019, n.p.), ao passo que Uzzell, Pol e Badenas (2002, p. 28) constatarem que lugares com uma forte identidade facilitam a ocorrência da coesão social.

Scannell e Gifford relacionam, ainda, o conceito de identidade ambiental, cunhado por Clayton, que remete ao apego à natureza como um tipo de apego que, claramente, é direcionado às características físicas do lugar (Scannell e Gifford, 2010, p. 5).

Uma importante distinção que pode ser realizada a respeito desses dois conceitos é que o apego ao lugar enfatiza o papel das emoções e do sentido de vida, enquanto a identidade com o lugar remete principalmente aos significados.

O conceito de sentido de lugar, de acordo com Brandenburg & Carroll, aparece conectado com o de apego ao lugar de forma a indicar que locais sem significado e valores humanos não se constituem em lugares, são espaços considerados vazios: “[...] são as pessoas que fazem um lugar ou um ‘não-lugar’” (Brandenburg e Carroll, 1995, p. 385).

O emprego do termo significado do lugar pode ser confundido com o de sentido de lugar nos trabalhos de alguns autores. Em relação a ele, Lewicka afirma que os lugares físicos são significados pelos seres humanos a partir de suas memórias (pessoais e/ou coletivas), pelos símbolos religiosos e nacionais e, também, pelos sentimentos multi-sensórios experimentados ao frequentá-los e que o lugar não pode ser reduzido a suas propriedades físicas e tampouco pode ser analisado a partir de conceitos científicos analíticos, pois é um fenômeno de natureza complexa (Lewicka, 2011, p. 221).

A autora ainda adverte que é necessário identificar o significado de um lugar antes de compreender o apego que as pessoas manifestam em relação a ele (Lewicka, 2011, p. 221), o que a leva a inferir que “distintos lugares podem satisfazer diferentes necessidades orgânicas e, assim, se tornam alvos de apego por razões diversas”⁸ (Lewicka, 2011, p. 224, tradução própria). Nessa perspectiva, ela evoca os trabalhos de Low e Mazumdar e Mazumdar, que propõem diferentes tipos de apego ao lugar, a depender do significado simbólico que o lugar evoca: religioso, ancestral e autobiográfico, entre outros, no caso de Low, e seculares e sacros no exemplo de Mazumdar e Mazumdar (Lewicka, 2011, p. 222).

Brandenburg e Carroll, tanto quanto Scannell e Gifford, enfatizam a experiência do lugar, contudo, enquanto os primeiros chamam a atenção para seu papel na modelagem de valores e significados em relação a um cenário (Brandenburg e Carroll, 1995, p. 391), Scannell e Gifford citam o modelo de apego ao lugar de Stedman, segundo o qual os indivíduos se tornam apegados a partir do significado que as características físicas do lugar representam para eles, mas não diretamente por aquelas características (Scannell e Gifford, 2010, p. 5).

Scannell e Gifford também realçam que o significado de um lugar pode estar vinculado a uma experiência de continuidade ao longo do tempo nos casos em que o apego se dá com lugares que fazem as pessoas lembrarem eventos importantes de seu passado ou pessoas com as quais não têm mais contato. Essa noção de continuidade também pode se aplicar para espaços significativos para

⁸ No original: *Different places may satisfy different organismic needs and thus become targets of attachment for different reasons.*

determinados grupos, tal como o caso de lugares sagrados ou históricos (Scannell e Gifford, 2010, p. 6).

A apresentação, nesta seção, dessa variedade de conceitos, foi realizada com o intuito de demonstrar a diversidade de abordagens e caminhos existente no campo. Contudo, em meio a essas diversas concepções, algumas vezes até divergentes entre si, adota-se, para as discussões que virão nas próximas seções, uma abordagem que emprega as noções de identidade, sentido e significado de lugar como secundárias e subsidiárias dentro do leque mais amplo do conceito de apego ao lugar.

Antes de conduzir o texto para a discussão do lugar do som, será realizada uma brevíssima digressão para elucidar a importância da noção de apego ao lugar nos dias atuais.

6. A atualidade da noção de apego ao lugar

Apesar do ímpeto de desapego prevalente no mundo contemporâneo, evidenciado por pensadores como Zygmunt Bauman, que chama a era atual de *modernidade líquida* (Bauman, 2001, p. 32-33), devido à tendência de quebra de vínculos e de transformações rápidas e constantes, a noção de apego ao lugar (e seus conceitos adjacentes) evidencia que as pessoas ainda buscam conexões fortes e duradouras, pois, como ressalta Moser, “identidades culturais e portanto também necessidades específicas encontram sua expressão no apego espacial aos lugares” (Moser, 2003, p. 332). Não obstante a dominação quase que completa das ideias modernas e da suprema valorização do ideal do progresso, manifestos no consumismo, nos processos de globalização e, também, na constante reiteração dos vanguardismos no campo das artes, da cultura, nas modas de tudo e no vício da inovação infinita, o apego ao lugar se mantém, tal como afirma Lewicka:

[...] à despeito da ampla difusão da mobilidade e da globalização, os pesquisadores do apego ao lugar não precisam temer a ociosidade. O sentido do lugar e o apego ao lugar continuam a ser uma parte importante da existência humana e isso, por si só, é fascinante⁹ (Lewicka, 2011, p. 226, tradução própria).

A autora destaca que, apesar da crescente visibilidade dos chamados “não-lugares” na atualidade, o que os estudos de lugar têm revelado é que os lugares ainda são significativos e, possivelmente, sua importância tem, inclusive, se ampliado na contemporaneidade (Lewicka, 2011, p. 208). A propósito, os “não-lugares”, conforme a definição do antropólogo Marc Augé, abrangem

[...] tanto as instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e bens (vias expressas, trevos rodoviários, aeroportos) quanto os próprios meios de transporte ou os grandes centros comerciais, ou ainda os campos de trânsito prolongado onde são alojados os refugiados do planeta (Augé, 1994, p. 36).

⁹ No original: [...] despite widespread mobility and globalization, place attachment researchers need not fear idleness. Sense of place and place attachment continue to be an important part of human existence, and this in itself is fascinating.

Como se pode notar, devido a sua característica de espaços de rápida circulação e trânsito de pessoas, os “não-lugares” se configuram como locais pouco propícios para o desenvolvimento de vínculos e, por isso, são espaços promotores de solidão, como analisa Augé (1994, p. 95).

Os lugares, por outro lado, oferecem sentido de vida, significado e um senso de autocontinuidade, como reflete Lewicka:

Lugares em que as pessoas residem por muitos anos adquirem significados associados com vários estágios da vida, tal como crescer, namorar, casar, ter filhos e envelhecer, que resulta em uma rica rede de significados relacionados com o lugar e oferece um profundo sentido de autocontinuidade, algo que as pessoas com hábitos de maior mobilidade não experimentam¹⁰ (Lewicka, 2011, p. 224, tradução própria).

Se, por um lado, Moser revela uma preocupação em relação aos processos de globalização e as suas consequências em termos de uniformização dos estilos de vida induzidos pelo comércio e pelas comunicações globais, o autor também identifica o potencial que o apego espacial aos lugares possui no sentido de oferecer condições de expressão local de diferenças e singularidades. Dessa forma, ao se formar identidades culturais vinculadas aos lugares, tem-se, como resultante, uma congruência entre indivíduo e ambiente, que se reflete, em sua análise, em bem estar e qualidade de vida (Moser, 2003, p. 332).

Lewicka argumenta que, ainda que a vida contemporânea seja fortemente marcada pelos processos globalizantes, o sentido de lugar não desapareceu, pois é um elemento intrínseco da vida humana, “uma invariância em um mundo em transformação” (Lewicka, 2011, p. 208). No entanto, ela reconhece que os tipos e qualidades de apego variam bastante de acordo com fatores diversos e, que de uma maneira geral, há uma tendência de os indivíduos mais abastados serem mais cosmopolitas enquanto a maioria da população permanece relativamente localizada (Lewicka, 2011, p. 213). Ela afirma, inclusive, que o sentido de comunidade local e de identificação nacional não decresceram:

[...] à despeito dos níveis de educação e de mobilidade terem obviamente se ampliado nas sociedades contemporâneas, os apegos/identidades dos cidadãos médios de todos os países permanecem tradicionais: nação e vizinhança/cidade são as escalas de lugar mais preferidas¹¹ (Lewicka, 2011, p. 213, tradução própria).

Dessa maneira, constata-se que o apego ao lugar ainda se mantém, mesmo em um mundo pautado pelo desenraizamento.

Até aqui foi realizado um levantamento sucinto de autores, conceitos e definições relacionados com a pesquisa voltada para o lugar. A seguir, essas noções serão empregadas na busca por se compreender se e como o som pode funcionar como um componente do apego ao lugar.

¹⁰ No original: *Places in which people reside for many years acquire meanings associated with several life stages, such as growing up, dating partners, marrying, having children, and getting old, which results in a rich network of place-related meanings, and offers a deep sense of self-continuity, something that more mobile people do not experience.*

¹¹ No original: *[...] despite the obviously growing level of education and mobility in contemporary societies, attachments/identities of average citizens of all countries remain traditional: nation and neighborhood/city are the most preferred place scales.*

7. O lugar do som

A proposta central neste texto é realizar uma aproximação entre os campos da Ecologia Sonora e da Psicologia Ambiental a partir da noção de apego ao lugar. Essa proposta se justifica pela constatação de que, apesar de haver uma extensa literatura na Psicologia Ambiental e na Geografia Humanista referente às características ambientais que influenciam as vidas das pessoas em seus locais no cotidiano, esses estudos pouco ou raramente evocam o som como um dos constituintes do espaço, ainda que ele seja indissociável da paisagem.

Outro foco nesta discussão é a concatenação das reflexões a respeito do apego ao lugar com a preocupação com a valorização do local, pertinente ao campo da Ecologia, do pensamento sistêmico e da Ecologia Sonora. Segundo Fritjof Capra e Pier Luigi Luisi, a construção e o incentivo da comunidade são fundamentais para a sustentabilidade ecológica e “[...] a comunidade é também o antídoto mais eficaz contra o consumo material excessivo” (Capra e Luisi, 2014, p. 462). Essa ênfase no papel da comunidade leva à necessidade da valorização do local, pois toda comunidade encontra seus alicerces no local onde está constituída e, na Ecologia Sonora, conduz à preocupação com os aspectos locais que as paisagens sonoras expressam.

Paisagem sonora é o conceito central no campo da Ecologia Sonora e se refere ao conjunto dos sons de um ambiente, seja de uma casa, de uma escola, de um prédio, de um parque, de um bairro ou mesmo de uma cidade, entre outros cenários possíveis. Contudo, ela remete não somente às fontes sonoras, mas, também à maneira que essas fontes se relacionam entre si e geram a resultante sonora do local e, sobretudo, ao indivíduo que a percebe. Segundo Ozcevik e Can, nessa abordagem, o ambiente sonoro é tratado “[...] como uma entidade multidimensional, baseada na complexa interação entre a fonte sonora, o ambiente físico e o ser humano” (Ozcevik e Can, 2012, p. 2122).

Portanto, segundo essa interpretação, a paisagem sonora inclui, inevitavelmente, um elemento subjetivo (Dubois, Guastavino e Raimbault, 2006, p. 865), concebido a partir de uma interpretação pessoal, tal como propõem Deborah Hall e colegas:

Nossos resultados trazem-nos de volta para considerar o conceito de paisagem sonora de Schafer. Sua perspectiva não apenas engloba as fontes sonoras, mas também enxerga o ambiente sônico como uma interpretação subjetiva e, de alguma forma, pessoal. Consequentemente, tão importante quanto o sinal acústico é a relação entre a experiência individual e a subjetividade com um contexto físico e sociocultural¹² (Hall et al, 2013, p. 253, tradução própria).

Constata-se, assim, que a percepção das paisagens sonoras é relativa, sendo particular para cada sujeito ou comunidade e pode se alterar de acordo com as circunstâncias. Essa compreensão é alinhada com as concepções de Kuhnen e

¹² No original: *Our results bring us back to consider Schafer's concept of a soundscape. His perspective not only encapsulates the sound sources themselves, but views the sonic environment as a subjective, and somewhat personal, interpretation. Hence, just as important as the acoustic signal is the relationship between the individual experience and subjectivity with a physical and a socio-cultural context.*

Higuchi em relação à percepção ambiental em termos visuais, pois, de acordo com as autoras, a imagem que se produz para um observador é advinda de um processo relacional, no qual são partícipes tanto o que ele identifica na forma exterior quanto sua interpretação a respeito dessa imagem (Kuhnen e Higuchi, n.p., 2011).

As características do ambiente agem sobre o comportamento das pessoas tanto quanto as ações humanas transformam o meio (Kuhnen e Higuchi, n.p., 2011). Dessa forma, o som, por ser um dos componentes do ambiente, também exerce influência na constituição da relação pessoa-ambiente. O oposto também é válido, pois os seres humanos influenciam as paisagens sonoras dos locais em que habitam.

O viver e transitar pelos espaços suscita experiências afetivas nos indivíduos, as quais favorecem a criação de relações sociais no decorrer do tempo, como pontuam Silveira e Schneider (2024, p. 94). Essas conexões promovem a criação de vínculos pessoais ou memórias significativas individuais em relação aos lugares. No caso dos sons, como ressaltam Hall e colegas, “a experiência emocional global [...] parece estar modulada pela interpretação das propriedades da fonte sonora dentro de seu contexto social e geográfico”¹³ (Hall et al, 2013, p. 251, tradução própria).

Há sons particularmente profícuos em produzir tais experiências, enquanto outros têm menor probabilidade. Pesquisadores voltados para o estudo do potencial de restauração da saúde e do bem estar por parte dos sons indicam que, nesse sentido, paisagens sonoras naturais são percebidas como mais restauradoras do que aquelas nas quais prevalecem sons de máquinas.

Vários estudos têm constatado os efeitos deletérios do ruído ambiental para a saúde, mas algumas pesquisas têm, também, considerado os aspectos positivos do som, onde os sons naturais são consistentemente percebidos como agradáveis e o ruído tecnológico, na maioria das vezes, como desagradável¹⁴ (Annerstedt et al, 2013, p. 241, tradução própria).

Entre esses sons restauradores, as pesquisas na área se dividem em indicar os sons oriundos dos recursos de água (Wilkie e Stavridou, 2013, p. 167; Radsten-Ekman, 2015, p. 20) e do canto dos pássaros (Payne e Bruce, 2019, p. 2; Ratcliffe, Gatersleben e Sowden, 2013, p. 225; Ratcliffe, Gatersleben e Sowden, 2016, p. 143) como aqueles que provêm maiores benefícios.

A escuta atenta do cotidiano local oferece exemplos inúmeros do papel significativo que os sons exercem nas vidas das pessoas. Cito, a seguir, dois exemplos pertencentes ao entorno de onde vivo. O primeiro é referente a um pequeno cachorro pertencente a um dos meus vizinhos próximos, que, quando sua dona está ausente, costuma fazer um latido que se aparenta a um choro. O choro do cãozinho já é conhecido por muitos moradores do bairro e é comum as

¹³ No original: *The overall emotional experience [...] appears to be modulated by the interpretation of the sound source properties within their social and geographical context.*

¹⁴ No original: *Several studies have proven the detrimental health effects of environmental noise, but some research has also considered positive aspects of sound where natural sounds are consistently perceived as pleasant and technological noise as mostly unpleasant.*

peças – enternecidas por seu latido diferenciado – passaram e conversaram com ele – em frente ao portão, onde corriqueiramente se coloca nessas ocasiões –, já sabendo que a dona o deixou temporariamente. Esse exemplo envolve não apenas uma situação de um animal apegado a um ser humano, mas, também, a qualidade específica de seu latido, que apresenta um perfil melódico atraente esteticamente, ou seja, um som que assumiu um sentido e, de certa forma, também um significado, para uma comunidade¹⁵.

A propósito, sentido e significado são tomados como elementos distintos nesta discussão. Sentido é associado aos elementos que movem os aspectos emotivos, afetivos e sentimentais do indivíduo (os sentidos de vida, elementos norteadores de valor profundo para a pessoa), ao passo que o termo significado é referido às associações de ordem cognitiva que as pessoas constroem (imagens e pensamentos, entre outros). Esse emprego se baseia na proposição de Brehm, Eisenhauer e Stedman (2012, n.p.), já referida, ainda que se distinga dela por considerar ambas as noções pertencentes ao conceito de apego ao lugar, em vez de dividi-las em dois conceitos separados.

O segundo exemplo de som significativo referente às cercanias do meu local de moradia é recorrente no período da primavera. Meu bairro não é sistematicamente arborizado, mas, na esquina oposta à da minha residência há uma árvore bastante alta que atrai diversos pássaros o ano todo e, somado com o terreno da escola estadual – localizada um quarteirão mais distante, cuja área não construída é preenchida por um grande número de árvores, também frondosas – perfazem dois quarteirões nos quais há um intenso fluxo de aves, radicadas na região ou de passagem. No entanto, ainda que espécies mais comuns no meio urbano já circulassem por ali com frequência, tal como pardais, pombos domésticos, pombas asa branca, rolinhas caldo de feijão, bem-te-vis, sanhaços azulados, periquitos, papagaios, gaviões carijós, corruíras, andorinhas e beija-flores, entre outros, há alguns anos começou-se, também, a ouvir o canto do macho do sabiá-laranjeira. Na primeira primavera em que esse canto foi identificado, presenciei momentos significativos, hoje até incomuns em uma cidade grande: pessoas parando para tentar avistar o pássaro na grande árvore ou nos telhados vizinhos. Em algumas ocasiões escutei, inclusive, diálogos de pessoas que não se conheciam previamente – paradas na esquina –, cujo assunto era a ave e seu canto atrativo. Tais conversas deixavam notório que se tratava de moradores pouco acostumados a prestar atenção aos pássaros, pois suas falas evidenciavam que não sabiam diferenciar as espécies mais comuns. Os anos passaram e, devido à presença constante da ave desde então, seu canto deixou de ser uma novidade na região e esses encontros casuais primaveris diminuíram, ainda que até hoje seja possível escutar, nesse período, um ou outro morador passar e tentar imitar sua melodia. A título de esclarecimento, o canto mais característico do sabiá-laranjeira é realizado pelo macho, como um cortejo para a fêmea, comumente do final do inverno até o fim da primavera (Menq, 2021, n.p.).

¹⁵ A propósito, o som do choro desse pequeno cachorro, com toda a carga de sentidos e significados locais, foi aproveitado em duas composições de minha autoria: *Anoitece na cidade* e *A paisagem que entra pela minha janela*. Essas obras serão mencionadas no decorrer do texto.

Há, ainda, outras discussões no campo dos estudos do lugar, que merecem ser trazidas para as reflexões a respeito da concepção de paisagem sonora. Uma dessas questões se refere à importância que alguns autores dão à distinção entre lugar e paisagem. Segundo esses pesquisadores, a paisagem é indissociável da consciência humana que experimenta um lugar. Brandenburg e Carroll aludem ao trabalho de Ehrlich, que entende paisagem como um constructo humano, dependente da presença e da interpretação de um observador humano. Essa proposição não nega a qualidade do objeto da percepção em si, mas chama a atenção para o fato de que a paisagem se constitui daquilo que os seres humanos projetam nesse objeto, a partir de seus saberes e expectativas (Brandenburg e Carroll, 1995, p. 385).

A questão do objeto em si – ou seja, as qualidades físicas do lugar –, levantada acima, é importante, pois, para os teóricos clássicos dos estudos de lugar, “[...] é o lugar que cria a humanidade” (Brandenburg e Carroll, 1995, p. 385). Essa reflexão deve ser trazida para o campo da Ecologia Sonora, pois, se por um lado a paisagem sonora é focada na escuta e nas idiosincrasias do ouvinte, por outro lado, é necessário admitir que os sons da paisagem sonora também induzem a maneira de ser das pessoas. O ambiente não é um simples produto da imaginação humana e, desta maneira, não é suficiente recorrer tão somente à subjetividade individual para compreender a realidade em que a humanidade está inserida.

Essa desequilibrada ênfase na subjetividade é algo recorrente na atualidade, de tal forma que o filósofo John Gray afirma que há uma tendência relativista, proveniente de autores identificados com o pós-modernismo, que induz à crença de que “[...] o mundo é o que fazemos dele” (Gray, 2005, p. 71). Gray afirma que há, por parte desses pensadores, uma atitude de negação da verdade:

Os pós-modernistas exibem seu relativismo como um tipo superior de humildade — a modesta aceitação de que não podemos pretender ter a verdade. Na realidade, a negação pós-moderna da verdade é o pior tipo de arrogância. Ao negar que o mundo natural existe independentemente de nossas crenças sobre ele, os pósmodernistas (sic) estão implicitamente rejeitando qualquer limite às ambições humanas. Ao tornar as crenças humanas o árbitro final da realidade, estão efetivamente afirmando que nada existe, a menos que apareça na consciência humana (Gray, 2005, p. 71).

Há uma realidade que está além das expectativas dos seres humanos e sua imaginação, desejo e percepção individuais não bastam para controlá-la.

Ainda no tocante às qualidades físicas do lugar, é importante lembrar-se de sua importância para a música.

Música e espaço são indissociáveis, a música sempre é dependente do espaço em que ocorre, pois ele é um de seus elementos. Os sons, tanto na música quanto no ambiente, são moldados pelo espaço em que ressoam. A tradicional consideração a respeito de o som ter quatro elementos (três constitutivos – altura, intensidade e timbre – e um resultante – duração) deveria ser ampliada, pois não há som sem um espaço no qual ele reverbere. Em uma perspectiva sistêmica a respeito do som, não há como negar a influência que o som recebe do espaço em que ocorre. Ele não se apresenta de maneira “pura”, resultante apenas das características geradas na fonte

sonora. Ou seja, sua escuta sempre está permeada pelas qualidades do local em que ressoa [...] O espaço é o quinto elemento do som e da música (Leal, 2023c, p. 20-21).

Por mais que o espaço não seja diretamente o produtor do som, ainda assim, a resultante sonora que a escuta percebe é sempre matizada por ele. O som, da forma que o ouvimos, não é uma produção exclusiva das fontes sonoras, mas possui o “tempero” do espaço em que é lançado. A influência do espaço faz com que o som assuma, pois, características de propriedade emergente, se tornando uma resultante que “vem depois” da produção da vibração propriamente dita, mas que, aos nossos ouvidos, “chega junto”. Dizendo de outra maneira: o som resultante, ou seja, o que realmente ouvimos, é emergente, oriundo das vibrações dos materiais e das ressonâncias do espaço em que evolui. Conclui-se, assim, que os materiais que constituem um espaço exercem influência na resultante sonora.

A propósito, o conceito de propriedade emergente advém da física moderna e é frequentemente empregado por autores voltados para o pensamento sistêmico. Refere-se a uma característica que, embora perceptível na resultante global de um dado elemento, por outro lado não está presente em suas partes. Esse fenômeno remete à noção de “complexidade organizada”, discutida por Fritjof Capra.

Em cada nível de complexidade, os fenômenos observados exibem propriedades que não existem no nível inferior. Por exemplo, a concepção de temperatura, que é central na termodinâmica, não tem significado no nível dos átomos individuais, onde operam as leis da teoria quântica. De maneira semelhante, o sabor do açúcar não está presente nos átomos de carbono, de hidrogênio e de oxigênio, que constituem os seus componentes (Capra, 2006, p. 40).

Da mesma forma, o aspecto global da experiência da escuta não pode ser resumido ao que suas partes, isto é, as fontes sonoras, produzem.

Foi dito anteriormente que os indivíduos atribuem sentidos e significados particulares aos sons, que, sem se desmerecer seus atributos físicos, recebem conotações diferenciadas para cada pessoa. Não obstante, há também significados e sentidos coletivamente construídos e atribuídos a determinados sons, que, em certos casos, podem se tornar representativos de uma localidade. Esses são os marcos sonoros, definidos por Schafer (2011, p. 365) como sons únicos ou que possuem qualidades que os tornam referenciais para os habitantes de uma comunidade: “não importa o que se pense desses marcos sonoros, eles refletem o caráter da comunidade. Cada comunidade terá seus próprios marcos sonoros, mesmo que eles nem sempre sejam bonitos” (Schafer, 2011, p. 332).

Um marco sonoro não se constitui repentinamente. É fruto do tempo e se solidifica junto com a história de uma comunidade. Em relação a sua história, Schafer pontua que:

Sua memória não pode ser apagada pelos meses e pelos anos. Alguns marcos sonoros são monolíticos e inscrevem suas assinaturas em toda a comunidade. Assim são os famosos sinos de igreja ou de relógios, as trompas e os apitos. Que seria de

Salzburgo sem o seu Salvatore Mundi, de Estocolmo sem o seu carrilhão de Stadhuset e de Londres sem o Big Ben? (Schafer, 2011, p. 332).

O marco sonoro é um símbolo de identificação de uma localidade. Interrelacionado na realidade de uma comunidade, ele guarda e reatualiza significados, sentidos e memórias que fazem parte das vidas das pessoas. Por conseguinte, ele assume um papel semelhante àquele que Kuhnen e Higuchi atribuem às imagens internalizadas pelas pessoas em relação ao espaço nas experiências cotidianas.

No momento em que esses aspectos da realidade física estão internalizados, passam a ser extratos cognitivos, mas não se reduzem a simples abstrações intelectuais. Essas imagens ou representações são ao mesmo tempo produtos e produtoras das relações sociais. As imagens são indicadores de nossas práticas e significados relativos aos lugares e objetos com os quais nos engajamos e ao mesmo tempo em que foram criadas a partir de um repertório histórico fundamentado na intersubjetividade humana (Kuhnen e Higuchi, 2011, n.p.).

O marco sonoro, mediante sua representatividade coletiva, remete a uma possível condição de apego ao lugar. Nesse sentido, Scannell e Gifford (2010, p. 4), ao tratar do local, ressaltam que, entre outros aspectos, as pessoas se apegam a lugares que viabilizam as relações sociais e favorecem a identidade de grupo.

Outra condição que evidencia a conexão entre os conceitos de apego ao lugar e de marco sonoro é o fácil enquadramento deste nas três dimensões propostas por Scannell e Gifford para aquele: pessoa, processo psicológico e dimensões do local. Na primeira dimensão, das conexões pessoais, um marco sonoro remete indubitavelmente a significados coletivamente construídos. O marco sonoro também reflete, marcadamente, um sentido de auto-representação para a coletividade de um lugar e, com isso, gera identificação para os indivíduos da comunidade (Scannell e Gifford, 2010, p. 3), o que caracteriza a segunda dimensão. Em relação à terceira dimensão, o marco sonoro reforça a identidade de um grupo, ao se constituir como seu som representativo (Scannell e Gifford, 2010, p. 4).

Percebe-se, a partir da discussão aqui conduzida e os enlaces facilmente constituídos entre os conceitos de ambas as áreas, que a noção de apego ao lugar é pertinente às discussões relacionadas com a Ecologia Sonora. A seção seguinte tratará de seus reflexos na Educação Sonora e na composição musical.

8. O apego ao lugar e o seu papel na Educação Sonora e na composição musical

Tenho empregado a valorização do local como um dos elementos fundamentais da música sintrópica (Leal, 2023a, 2023b, 2024a, 2024b), proposta de criação musical baseada na hibridação entre a tradição musical e o emprego de paisagens sonoras. A proposição foi inspirada na Agricultura Sintrópica, de Ernst Götsch, suíço radicado no Brasil desde os anos de 1980 que desenvolveu um sistema de plantio agroflorestal no qual espécies vegetais de

interesse comercial são cultivadas conjuntamente com plantas não comercializáveis. Götsch empregou o termo sintropia pelo fato de esse vocábulo remeter ao papel que os sistemas vivos exercem em favor da multiplicação da vida ao se desenvolverem, o que se evidencia nos resultados positivos em termos de recuperação ecológica dos locais onde realiza seu plantio. O trabalho de Götsch remete à visão sistêmica da vida proposta por Capra e Luisi, no tocante aos seres vivos se organizarem em comunidades ecológicas ligadas em redes de interdependências (Capra e Luisi, 2014, p. 39). O que se busca, pois, com a música sintrópica é emular no campo da criação musical esse princípio da vida ao se incorporar e priorizar, entre outras características, elementos que remetam ao cotidiano, ou seja, produzir uma música que reflita os sentidos e os significados que permeiam as vidas das pessoas, levando-se em conta o(s) lugar(es) em que suas vidas transcorrem e, preferencialmente, retratando-se elementos simples do cotidiano.

A música sintrópica também tem sido aplicada em atividades voltadas para a Educação Sonora. Este é um subcampo da Educação Musical, que, vinculado às propostas da Ecologia Sonora, volta-se para a finalidade de conscientizar e reeducar a população no tocante aos hábitos, atitudes e comportamentos causadores da poluição sonora, ou, nas palavras de Raymond Murray Schafer, promover a “limpeza de ouvidos” (Schafer, 1991, p. 67).

Na música sintrópica são valorizados os sentidos e significados dos sons de um local, trazidos para dentro da composição com o intuito de se produzir uma obra que remeta às características, tanto físicas quanto sócio-culturais, que permeiam a paisagem sonora de uma localidade. Trata-se de uma abordagem de criação atual que, em vez de propor uma produção voltada para celebrar a inovação e a racionalidade, dirige-se para a criação de música comprometida com os valores e os sentidos humanos, em consonância com a premissa do mitólogo Joseph Campbell, que, a partir de seu conceito de “mitologia criativa” (Campbell, 2010, p. 571), propunha que a arte, na atualidade, seria responsável por preencher de sentido as vidas dos seres humanos, uma vez que os mitos e as tradições duradouras – outrora encarregados dessa missão – foram severamente enfraquecidos pelos valores racionalistas e pelas aceleradas e constantes mudanças culturais da modernidade. Campbell comparava o papel dos artistas atuais com o dos xamãs das culturas primordiais, pois compreendia que ambos tomam para si a responsabilidade de criar sentidos de vida e conexões entre suas comunidades e o mundo: “[...] a função do artista é a mitologização do meio ambiente e do mundo” (Campbell, 1990, p. 89).

Ao valorizar os elementos sonoros locais, da simplicidade do dia a dia, a música sintrópica, tal qual as tradições primordiais, sacraliza o lugar (Campbell, 1990, p. 100), elevando-o para além da banalidade à qual comumente se relegam as coisas do cotidiano, quando avaliadas por uma concepção meramente utilitária e materialista, como observam Brandenburg e Carroll:

[...] o planejamento dos recursos tradicionalmente têm enfatizado os valores econômicos dos recursos, frequentemente ignorando os valores intrínsecos emocionais, simbólicos, espirituais e amplamente percebidos do ambiente que são

inerentes na criação do lugar¹⁶ (Brandenburg e Carroll, 1995, p. 382, tradução própria).

Essa proposição, de uma música voltada para o local e o sentido profundo, oculto, que seus moradores estabelecem com ele, reverbera as definições de lugar significativo de Relph, Hashisaki e Irish, referidas anteriormente, a partir de Lewicka, e que, respectivamente, enfatizam aspectos como memórias, afetos, significados e sentimentos. Ela também remete à preocupação manifesta por Lewicka (2011, p. 224) da “busca pelo aumento ou recuperação da conectividade das pessoas com a sua vizinhança/meio” em relação à temática do apego ao lugar.

Entre as obras compostas a partir do princípio da música sintrópica estão *Anoitece na cidade* e *A paisagem que entra pela minha janela*. *Anoitece na cidade* foi escrita tomando-se como ponto de partida paisagens sonoras e visuais da cidade de Guarulhos-SP. O intuito nessa composição foi “[...] construir um retrato da cidade em quatro momentos do dia, começando no fim da tarde, passando pelo anoitecer, pela noite e finalizando na madrugada, em um percurso por alguns de seus locais” (Leal, 2023a, p. 380). O fim da tarde foi retratado a partir da imitação de uma revoada de pássaros chegando aos bosques e árvores isoladas da cidade para se prepararem para dormir. Isso foi conseguido com o uso, principalmente, das madeiras e cordas. Na segunda seção, os metais da orquestra simulam um congestionamento de veículos em uma movimentada avenida situada próximo ao centro do município. A terceira parte traz o cenário da vida noturna e sua agitação na cidade. Por fim, a quarta e última seção evoca o centro da cidade em uma madrugada enevoadada de outono, na qual a igreja matriz, representada a partir das badaladas emitidas nos sinos tubulares, desponta como elemento central. Além dessa caracterização mais ampla, há na obra pequenos detalhes sonoros que remetem a elementos do cotidiano da cidade. A composição foi estreada no ano de 2021, no concerto em homenagem aos 460 anos da cidade de Guarulhos, realizado pela Gru Sinfônica, orquestra profissional do município¹⁷.

A paisagem que entra pela minha janela alude à teia sonora viva da localidade em que o autor habita. Surgem na obra sons de motocicletas, cachorros, pássaros, ruídos de construção, entre outros mais pertencentes à paisagem sonora local. Essa música reflete claramente os princípios da música sintrópica:

Na composição, os sons da paisagem sonora são apresentados, combinados e modificados de maneira a construir um tecido musical fluido e uma sucessão de partes que, ao mesmo tempo que conferem uma pictorização do ambiente retratado, também atendem às preocupações musicais tradicionais no sentido da construção de uma forma que não seja ouvida como uma simples colagem, mas que proporcione ao ouvinte um sentido discursivo (Leal, 2024a, p. 115-116).

¹⁶ No original: *Resource planning has traditionally emphasized the economic values of resources, often ignoring the emotional, symbolic, spiritual, and widely perceived intrinsic values of the environment that are inherent in the creation of place.*

¹⁷ Uma explicação mais aprofundada a respeito da obra pode ser conferida em Leal (2023a). A gravação do concerto pode ser verificada na plataforma do YouTube: <https://youtu.be/moOtK8ic9YU>.

A peça foi composta para um noneto e estreada por um ensemble no IX Simpósio de Música na Amazônia, na Universidade Federal do Mato Grosso, em Cuiabá, no ano de 2023¹⁸.

Na mesma perspectiva adotada na proposta da música sintrópica, o arquiteto Christopher Alexander defende que a arquitetura não pode ser considerada sem levar em conta o seu entorno e a sua conexão com a sociedade, pois, os prédios e cidades só adquirem vida se construídos por todos e compartilhados com todos os membros de sua sociedade (Alexander, 1977, p. x). Alexander trabalha a partir de uma concepção sistêmica, que identifica o papel integrador que o lugar exerce nas vidas das pessoas:

[...] quando você constrói uma coisa você não pode meramente construir essa coisa em isolamento, mas deve, também, reparar o mundo ao redor e dentro dela, de forma que o mundo mais amplo naquele lugar se torne mais coerente e mais íntegro; e a coisa que você faz toma seu lugar na rede da natureza, conforme você a faz¹⁹ (Alexander, 1977, p. xiii, tradução própria).

Se Alexander buscava, no âmbito da arquitetura, “uma maneira atemporal de construir” – título de um de seus livros –, pode-se conjecturar a música sintrópica como uma possível paráfrase de sua proposta a partir da busca por uma maneira atemporal de se compor música – ainda que ela não seja proposta como um método fechado –, por se basear nas paisagens sonoras, que estão sempre integradas às vidas das pessoas. Além do apego ao lugar, essas duas propostas apresentam outra característica em comum: enquanto, segundo Vinícius Netto (2022, n.p.), Alexander “[...] rejeitava as visões que pautam projetos pensados como abstrações, em condições isoladas e artificiais” em contraposição ao movimento modernista na arquitetura, a música sintrópica, de maneira semelhante, se pauta em estímulos que vêm da realidade da maior parte das pessoas, de seu cotidiano, em contraposição a uma música de laboratório, experimental.

É evidente que uma proposta pautada na integração entre a arte e o seu meio e, conseqüentemente, na comunicação com as pessoas, como a de Alexander, se colocaria em contraposição à arte moderna/contemporânea, fortemente implicada em se afastar de seu público, como ressalta Susan Sontag: “[...] dessa relutância em se comunicar, dessa ambivalência quanto a fazer contato com o público, que constitui um tema fundamental da arte moderna, com seu infatigável compromisso com o ‘novo’ e/ou com o ‘esotérico’ (Sontag, 1987, p. 14).

Na mesma perspectiva, em uma música pautada no apego ao lugar o público é valorizado, suas experiências são levadas em conta e, a menos que haja uma significativa justificativa, o objetivo jamais será provocar e desagradar os ouvintes.

¹⁸ A composição foi analisada e comentada no texto *Música sintrópica: um vínculo entre a conservação e a inovação na música erudita contemporânea a partir da Ecologia Sonora*, publicado no livro *Aspectos socioculturais interligados ao trajeto profissional de compositores e intérpretes musicais*, organizado por Sonia Regina Albano de Lima. O registro sonoro da apresentação pode ser escutado na plataforma do YouTube: <https://youtu.be/7m95PTNqBJ4>.

¹⁹ No original: *When you build a thing you cannot merely build that thing in isolation, but must also repair the world around it, and within it, so that the larger world at that one place becomes more coherent, and more whole; and the thing which you make takes its place in the web of nature, as you make it.*

Pelo contrário, o que se busca é colocar na música elementos reconhecíveis das paisagens sonoras que sejam familiares ao público e que celebrem os elementos do cotidiano, respeitando e valorizando a experiência do cidadão comum.

Aqui se revela o importante papel da memória sonora, que, não obstante, também funciona como mais um elo entre a Ecologia Sonora e a Psicologia Ambiental e participa na constituição do apego ao lugar que as pessoas desenvolvem. O sentimento de conexão que os sons de um ambiente despertam em uma pessoa é permeado pela memória e pela expectativa que um ouvinte desenvolve em relação à sua paisagem sonora. De acordo com os pesquisadores Monika Rychtáriková e Gerrit Vermeir, a percepção que uma pessoa tem a respeito dos sons de um local pode ser uma resultante entre o que ela realmente ouve e aquilo que ela espera ouvir (Rychtáriková e Vermeir, 2013, p. 241). Ou seja, há uma participação da memória na construção subjetiva da percepção individual de uma paisagem sonora.

A memória, dessa maneira, adiciona um elemento de escolha, mesmo que não seja voluntária, entre os possíveis atributos de uma paisagem sonora, que, quando interpretada de maneira positiva, é capaz de participar na formação de um vínculo com um lugar, pois, como enfatizam Scannell e Gifford (2010, p. 2, tradução própria), “[...] o apego ao lugar é mais forte em cenários que evocam memórias pessoais²⁰”. Esse fenômeno não se restringe a aspectos individuais, mas pode, também, ter efeito coletivo, como observa Ecléa Bosi:

A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo (Bosi, 2003, p. 31).

Fica fácil perceber, a partir disso, que a constituição dos marcos sonoros, já aludidos anteriormente, se dá a partir de uma memória coletiva relativa a um som ou sons significativos para uma comunidade. Pode-se conjecturar que os marcos sonoros são, por si só, símbolos de um apego ao lugar, pois evidenciam certas “[...] representações do passado que o cenário contém”²¹ (Scannell e Gifford, 2010, p. 3, tradução própria). Essa condição reforça as conexões entre os dois conceitos elucidadas ao fim da seção anterior.

A memória sonora funciona como uma importante ferramenta também para a Educação Sonora, pois permite recuperar sons significativos para os habitantes de uma localidade e apoiar um processo de reeducação da escuta alicerçado no apego ao lugar.

Aliás, nesse campo, os elementos constituintes do apego ao lugar se mostram como importantes recursos para se contrapor ao uso das aclamadas tecnologias virtuais, baseadas em programas, telas e recursos eletrônico-digitais que, além de serem mercadorias – frequentemente com custos não acessíveis para uma parcela da população (fator crucial ao se considerar programas de reeducação da escuta) –, são responsáveis por efeitos deletérios para a saúde e o

²⁰ No original: *Place attachment is stronger for settings that evoke personal memories.*

²¹ No original: *Representations of the past that the setting contains.*

bem estar humanos, entre eles o prejuízo à linguagem, à concentração, à memória e à formação cultural, como aponta o neurocientista Michel Desmurget (2020, n.p.). Ao contrário dessas ferramentas, recorrer ao apego ao lugar é uma garantia de se acessar significados e sentidos mais profundos das pessoas e entre as pessoas, ressoando, assim, a definição de apego ao lugar como “localização significativa”, segundo Lewicka.

Aqui, de maneira conclusiva, reforça-se o potencial do apego ao lugar de se contrapor aos vícios e malefícios da contemporaneidade, pois, como foi discutido anteriormente, apesar das tendências de desapego, da onipresença dos ideais progressistas, da prevalência dos não-lugares e da propensão ao desenraizamento que desfilaram como fatores e valores inquestionáveis e absolutos nas últimas décadas – marcadas pelos processos de globalização –, verifica-se que as pessoas ainda buscam por conexões fortes e duradouras. A memória ainda está viva e, com ela, um genuíno sentido de autocontinuidade, ambos manifestos no apego ao lugar.

No campo da Educação Sonora essas questões são prioritárias, pois é uma área que lida com a degradação da escuta promovida justamente pelo excesso de máquinas no cotidiano, ou seja, uma decorrência direta dos malefícios contemporâneos.

Tais questões, enfim, evidenciam um dilema que raramente recebe atenção: muitos dos desafios da contemporaneidade estão alicerçados em problemas calcados nos valores da modernidade, cuja crítica acaba por meramente tangenciar suas causas, reduzindo-se a mencionar apenas seus sintomas. A modernidade tem passado incólume e tudo que se propõe como solução para os problemas atuais é baseado na visão progressista advinda de suas premissas: mais isso, mais aquilo, nova tecnologia, nova estética, novo isso, novo aquilo, etc., ou seja, sempre a mesma crença no futuro. O que se precisa, de fato, é enfrentar esse problema de frente e por em questão a própria modernidade.

9. Considerações finais

Neste texto foi abordada a noção de apego ao lugar em uma aproximação com o campo da Ecologia Sonora, de maneira a se propor que os sons do ambiente funcionam como um componente importante na constituição da identificação das pessoas com sua localidade.

O texto foi iniciado a partir da evocação do conceito de pessoa-ambiente, pertinente ao campo da Psicologia Ambiental, de maneira a se chegar a uma definição de lugar e, assim, possibilitar a discussão a respeito do apego ao lugar.

Uma vez caracterizada a noção de apego ao lugar, bem como a constatação de sua importância na atualidade, foi possível identificar a participação dos sons como elementos também constituintes do apego.

Tratou-se, ainda, de demonstrar o papel que o apego ao lugar desempenha na Educação Sonora, propiciando a identificação de sons significativos de uma determinada coletividade, aptos a serem empregados em favor da conscientização da escuta.

E, por fim, foi discutida a possibilidade do emprego de sons significativos das paisagens sonoras na composição musical, com a premissa de que a qualidade afetiva que o apego ao lugar suscita nas vidas das pessoas possa ter reflexo na fruição estética de uma obra musical. A proposta da música sintrópica foi apresentada como um exemplo desse emprego, no sentido de que busca uma hibridação entre a maneira tradicional de se criar música e os elementos provenientes das paisagens sonoras. Sua proposta, em vez do intuito de provocar o público, se volta aos aspectos sonoros do cotidiano, que fazem sentido para a maioria das pessoas. Seu foco se encontra na preocupação com a inclusão de sentidos e significados do cotidiano e, por isso, está diretamente conectada com a noção de apego ao lugar.

Uma das conclusões a que a discussão conduz é a da percepção de que o apego ao lugar, tanto nos aspectos visuais quanto nos sonoros, ao remeter a elementos de memória afetiva conectada com sentidos e significados individuais e coletivos, guarda um potencial de resistência frente a alguns malefícios da modernidade, tais como o desapego e o desenraizamento.

Referências

ALEXANDER, Christopher et al. *A pattern language: towns, buildings, constructions*. New York: Oxford University Press, 1977.

ANNERSTEDT, Matilda et al. Inducing physiological stress recovering with sounds of nature in a virtual reality forest: results from a pilot study. *Physiology & Behavior*, v. 118, n. 13, 240-250, 2013. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0031938413001650>. Acesso em: 15 fev. 2023.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRANDENBURG, Andrea M.; CARROLL, Matthew S. Your place or mine?: The effect of place creation on environmental values and landscape meanings. *Society and Natural Resources: An International Journal*, v. 8, n. 15, 1995, p. 381-398. DOI: 10.1080/08941929509380931. Disponível em: <https://www.sci-hub.in/10.1080/08941929509380931>. Acesso em: 15 jun. 2025.

BREHM, Joan M.; EISENHauer, Brian W.; STEDMAN, Richard C. Environmental concern: examining the role of place meaning and place attachment. *Society and Natural Resources: an International Journal*, 2012, p. 1-17. DOI:10.1080/08941920.2012.715726. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/260551836_Environmental_Concern_Examinin_g_the_Role_of_Place_Meaning_and_Place_Attachment. Acesso em: 14 jun. 2025.

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CAMPBELL, Joseph. *As máscaras de Deus: mitologia criativa* - São Paulo: Palas Athena, 2010.

CAPRA, Fritjof. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix, 2006.

CAPRA, Fritjof; LUISI, Pier Luigi. *A visão sistêmica da vida: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas*. São Paulo: Cultrix, 2014.

DESMURGET, Michel. “Geração digital”: por que, pela primeira vez, filhos têm QI inferior ao dos pais. Entrevista concedida a Irene Hernández Velasco. BBC News Mundo, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-54736513>. Acesso em: 7 de janeiro de 2022.

DUBOIS, Danièle; GUASTAVINO, Catherine; RAIMBAULT, Manon. A cognitive approach to urban soundscapes: using verbal data to access everyday life auditory categories. *Acta Acustica United with Acustica*, v. 92, n. 6, p. 865-874, 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/200045136_A_cognitive_approach_to_urban_soundscapes_Using_verbal_data_to_access_everyday_life_auditory_categories. Acesso em: 15 fev. 2023.

GRAY, John. *Cachorros de palha: reflexões sobre humanos e outros animais*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

HALL, Deborah A. et al. An exploratory evaluation of perceptual, psychoacoustic and acoustical properties of urban soundscapes. *Applied Acoustics*, v. 74, n. 2, 2013, p. 248-254. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0003682X11000740>. Acesso em: 14 fev. 2023.

KUHNEN, Ariane; HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto. Percepção Ambiental. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. (orgs.). *Temas Básicos em Psicologia Ambiental*. São Paulo: Editora Vozes. 2011, p. 250 – 266. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/303896534_Percepcao_Ambiental#fullTextFileContent. Acesso em: 21 ago. 2025.

LEAL, Sergio. *Diálogos com o silêncio na contemporaneidade: excesso de ruídos, educação sonora e música*. Orientadora: Marisa Trench de Oliveira Fonterrada. 2023. 435 f. Tese (Doutorado em Educação Musical) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes, São Paulo, 2023a. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/239642>. Acesso em: 16 abr. 2023.

LEAL, Sergio. Música sintrópica: Ecologia e valorização do local. In: IX Simpósio Internacional de Música na Amazônia – SIMA, 2023b, Cuiabá. *Anais [...]*. Cuiabá: UFMT, 2023b, p. 112-125. Disponível em: <https://www.even3.com.br/ix-simposio-internacional-de-musica-na-amazonia-sima-2023-343076/>. Acesso em: 17 ago. 2024.

LEAL, Sergio. O som e a sua interdisciplinaridade. In: ALBANO, Sonia R. de Lima; MARUN, Nahim & GIANESSELLA, Eduardo F. (orgs.). *XX Anos do PPG em música do IA-UNESP* [livro eletrônico]: I volume. São Paulo: Tesseractum Editorial, 2023c, p. 10-30.

LEAL, Sergio. Música sintrópica: um vínculo entre a conservação e a inovação na música erudita contemporânea a partir da Ecologia Sonora. In: CASTRO et al. *Aspectos socioculturais interligados ao trajeto profissional de compositores e intérpretes musicais*. São Paulo: Setare, 2024a.

LEAL, Sergio. Música sintrópica: definição, premissas e aplicação pedagógica. *Música Hodie*, Goiânia, v. 24, 2024b. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/musica/article/view/79407>. Acesso em: 16 nov. 2025.

LEWICKA, Maria. Place attachment: How far have we come in the last 40 years? *Journal of Environmental Psychology*, v. 31, n. 3, 2011, p. 207-230. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0272494410000861>. Acesso em: 22 jan. 2025.

MENQ, Willian. *Por que sabiás cantam à noite?* Planeta aves, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s9kuLCPKYU&ab_channel=PlanetaAves>. Acesso em: 15 de novembro de 2022.

MOSER, Gabriel. Examinando a congruência pessoa-ambiente: o principal desafio para a Psicologia Ambiental. *Estudos de Psicologia*, v. 8, n. 2, 2003, p. 331-333. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/krFC8zGY6XtNPBR87qMHYkC/>. Acesso em: 14 jan. 2025.

NETTO, Vinícius M. Christopher Alexander: o legado de um urbanista visionário. 29 Mai 2022. ArchDaily Brasil. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/981171/christopher-alexander-o-legado-de-um-urbanista-visionario>. Acesso em: 12 nov. 2025.

OZCEVIK, A.; CAN, Z.Y. A field study on the subjective evaluation of soundscape. *Proceedings of the Acoustics 2012 Nantes Conference*, p. 2121-2126, 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/281991926_A_field_study_on_the_subjective_evaluation_of_soundscape. Acesso em: 14 fev. 2023.

PAYNE, Sarah R.; BRUCE, Neil. Exploring the relationship between urban quiet and perceived restorative benefits. *International Journal of Environment Research and Public Health*, v. 16, 2019. Disponível em: https://pdfs.semanticscholar.org/49d7/73f6fd9cf83ad84d2724c823cab6ec7db4b6.pdf?_gl=1*dmi14e*_ga*MTYONTMyNDE5MS4xNjc2Mzc3NzA5*_ga_H7P4ZT52H5*MTY3NjQwOTU0OS4zLjAuMTY3NjQwOTU1OC4wLjAuMA... Acesso em: 14 fev. 2023.

PEI, Zhijun. Roles of neighborhood ties, Community attachment and local identity in resident's household waste recycling intention. *Journal of Cleaner Production*, v. 241, 2019, 118217. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0959652619330872>. Acesso em: 14 jun. 2025.

RADSTEN-EKMAN, Maria. *Wanted unwanted sounds: perception of sounds from water structures in urban soundscapes*. 2015. 81 f. Tese (Doutorado). Stockholm University. Department of Psychology. Sweden, 2015. Disponível em: <http://www.diva-portal.org/smash/get/diva2:844573/FULLTEXT05.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2023.

RATCLIFFE, Eleanor; GATERSLEBEN, Birgitta; SOWDEN, Paul T. Bird sounds and their contributions to perceived attention restoration and stress recovery. *Journal of Environmental Psychology*, v. 36, p. 221-228, 2013. Disponível em: <https://openresearch.surrey.ac.uk/esploro/outputs/journalArticle/Bird-sounds-and-their-contributions-to/99511310702346#file-0>. Acesso em: 14 fev. 2023.

RATCLIFFE, Eleanor; GATERSLEBEN, Birgitta; SOWDEN, Paul T. Associations with bird sounds: how do they relate to perceived restorative potential? *Journal of Environmental Psychology*, v. 47, p. 136-144, 2016. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0272494416300548>. Acesso em: 14 fev. 2023.

RYCHTÁRIKOVÁ, Monika; VERMEIR, Gerrit. Soundscape categorization on the basis of objective acoustical parameters. *Applied Acoustics*, v. 74, n. 2, p. 240-247, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/223947467_Soundscape_categorization_on_the_basis_of_objective_acoustical_parameters. Acesso em: 14 fev. 2023.

SCANNELL, Leila; GIFFORD, Robert. Defining place attachment: a tripartite organizing framework. *Journal of Environmental Psychology*, v. 30, 2010, p. 1-10. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0272494409000620>. Acesso em: 14 jan. 2025.

SCHAFER, Raymond Murray. *O ouvido pensante*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1991.

SCHAFER, Raymond Murray. *A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SILVEIRA, Bettieli Barboza da. “O lugar que habito”: compreendendo a relação pessoa-ambiente em serviços residenciais terapêuticos. Orientadora: Ariane Kuhnen. 2021. 161f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/231094/PPSI0934-T.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 ago. 2025.

SILVEIRA, Bettieli Barboza da; SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. Relação pessoa-ambiente no sistema de prevenção communities that care. *Revista Projetar*, v. 9, n. 2, 2024, p. 93-102. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/revprojetar/article/view/34272/18618>. Acesso em: 13 jan. 2025.

SONTAG, Susan. *A vontade radical: estilos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

UZZELL, David; POL, Enric; BADENAS, David. Place identification, social cohesion and environmental sustainability. *Environment and Behavior*, v. 34, n. 1, 2002, p. 26-53. DOI: 10.1080/08941929509380931. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0013916502034001003>. Acesso em: 02 ago. 2025.

WILKIE, Stephanie; STAVRIDOU, Andri. Influence of environmental preference and environmental type congruence on judgments of restoration potential. *Urban Forestry and Urban Greening*, v. 12, n. 2, p. 163-170, 2013. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S161886671300006X?via%3Dihub>. Acesso em: 15 fev. 2023.

ZACARIAS, Elisa Ferrari Justulin; HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto. Relação pessoa-ambiente: caminhos para uma vida sustentável. *Interações*, Campo Grande-MS, v. 18, n. 3, p. 121-129, 2017. Disponível em: <https://interacoesucdb.emnuvens.com.br/interacoes/article/view/1431>. Acesso em: 20 ago. 2025.

RECEBIDO EM: 20 jan. 2026

APROVADO EM: 6 fev. 2026
